

Em defesa de que famílias? Bolsonarismo, pânico moral e o protagonismo da categoria família nas eleições de 2018

¿En defensa de qué familias? Bolsonarismo, pánico moral y el papel de la categoría familiar en las elecciones de 2018

In defense of which families? Bolsonaroism, moral panic and the role of the family category in the 2018 elections

Elias Santos Serejo

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (UFPA). Jornalista e mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia (UNAMA). Integrante do grupo de pesquisa Comunicação, Cultura e Amazônia (Compoa). Bolsista Capes.

Contato: eliassantos1001@gmail.com

Danila Cal

Doutora em Comunicação, professora da Faculdade de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (UFPA). Uma das líderes do grupo de pesquisa Comunicação, Política e Amazônia (Compoa).

Contato: danila@ufpa.br

Submetido em: 17.06.2020
Aprovado em: 27.11.2020



Creative Commons



Atribuição



Não Comercial



Compartilhalgal

Resumo

O advento do neoconservadorismo encontra em categorias sociais como gênero e sexualidade elementos de tensionamento do jogo político. A família torna-se, nesse processo, central no campo das disputas políticas. Investigamos como a campanha eleitoral de Bolsonaro mobilizou a ideia de família como estratégia política. Observamos no horário gratuito de propaganda eleitoral e no plano de governo, por meio de análise de conteúdo, como a família era apresentada e quais sentidos emergiam a partir da identificação de três categorias: política de governo, âmbito privado e entidade ameaçada. Conclui-se que a campanha mobilizou a ideia de família nuclear como agente que necessita de proteção estatal.

Palavras-chave: Família. Neoconservadorismo. Jair Bolsonaro. HGPE. Plano de governo.

Resumen

El advenimiento del neoconservadurismo encuentra elementos de tensión en el juego político en categorías sociales como el género y la sexualidad. La familia se convierte, en este proceso, central en el campo de las disputas políticas. Investigamos cómo la campaña electoral de Bolsonaro movilizó la idea de la familia como estrategia política. Observamos en el y en el plan de gobierno, a través del análisis de contenido, cómo se presentó a la familia y qué significados surgieron de la identificación de tres categorías: política de gobierno, alcance privado y entidad amenazada. Se concluye que la campaña movilizó la idea de la familia nuclear como un agente que necesita protección estatal.

Palabras clave: Familia. Neoconservadurismo. Jair Bolsonaro. HGPE. Plan de gobierno.

Abstract

The advent of neoconservatism finds elements of tension in the political game in social categories such as gender and sexuality. The family becomes, in this process, central in the field of political disputes. We investigated how Bolsonaro's election campaign mobilized the idea of family as a political strategy. We observed in the free campaign advertising time on Brazilian television and in the government plan, through content analysis, how the family was presented and what meanings emerged from the identification of three categories: government policy, private scope, and threatened entity. It is concluded that the campaign mobilized the idea of the nuclear family as an agent that needs state protection.

Keywords: Family. Neoconservatism. Jair Bolsonaro. HGPE. Government plan.

1. Aumenta o uso desse termo entre teóricos brasileiros para explicar o fenômeno Jair Bolsonaro e sua caminhada até a presidência, sobretudo no que diz respeito ao modo com o qual lida com questões de direitos humanos (MENEGAT, 2019; ARAÚJO, 2019).

Introdução


A profunda crise político-axiológica que se intensificou no Brasil nos últimos anos, que culminou na ascensão do bolsonarismo¹ ao poder, é pautada pelo recrudescimento do conservadorismo, do obscurantismo e do autoritarismo e pela emergência de novas faces do neoliberalismo. A polarização política, marca desse novo momento, ocorre em vários âmbitos; apontamos pelo menos um deles, que nos interessa neste trabalho: o antagonismo entre conservadorismo x progressismo em pautas que dizem respeito ao reconhecimento de outros modos de viver.

O conservadorismo é capitaneado por movimentos de novas direitas que inserem na agenda pública elementos que pretendem, por meio da disputa de sentidos, deslegitimar pautas que buscam a transformação de gramáticas morais, a equidade entre os cidadãos e o reconhecimento das diferenças. Entre os elementos postos em jogo por esses movimentos podemos citar: (a) os pânicos morais em torno do debate de gênero e sexualidade – perfidamente denominado de “ideologia de gênero” (MISKOLCI, 2018); (b) a defesa violenta da propriedade privada; (c) o ódio às esquerdas e consequentemente às pautas identitárias de minorias políticas (SOLANO, 2018); além da (d) defesa da família como instituição detentora, e/ou propagadora, de uma moral tradicional altamente excludente.

Neste trabalho nos deteremos no debate sobre família e em como tal categoria social teve um papel central no processo eleitoral em 2018. Em muitos momentos, sobretudo na campanha presidencial da chapa de Jair Bolsonaro, a entidade foi reivindicada como a instituição fundamental para manutenção de uma ordem moral patriarcal, heterossexista e conservadora – defendida como a célula *mater* dos “bons costumes” e da formação do “cidadão de bem”.

A disputa simbólica pelos sentidos sobre determinadas categorias sociais compõe a esfera de temáticas com as quais o campo comunicacional tem se preocupado, sobretudo se considerarmos a perspectiva relacional que considera a construção de sentidos como parte do processo de intercâmbio discursivo dialógico. Na perspectiva relacional, a “comunicação não é reduzida a uma dinâmica de transmissão, mas é entendida como interação – ação reciprocamente referenciada, estabelecida pela mediação do simbólico, da linguagem” (FRANÇA, 2016). Portanto, trata-se de um trabalho construído no rastro das investigações que tomam como terreno o campo da comunicação e da política.

Partimos do pressuposto de que a família reivindicada por Jair Bolsonaro e seu grupo é a nuclear (entidade formada por homem + mulher + filhos), tendo em vista que a comunidade LGBTQI+ e os afetos que lhes atravessam foram sistematicamente atacados ao longo da carreira do político. Sinteti-

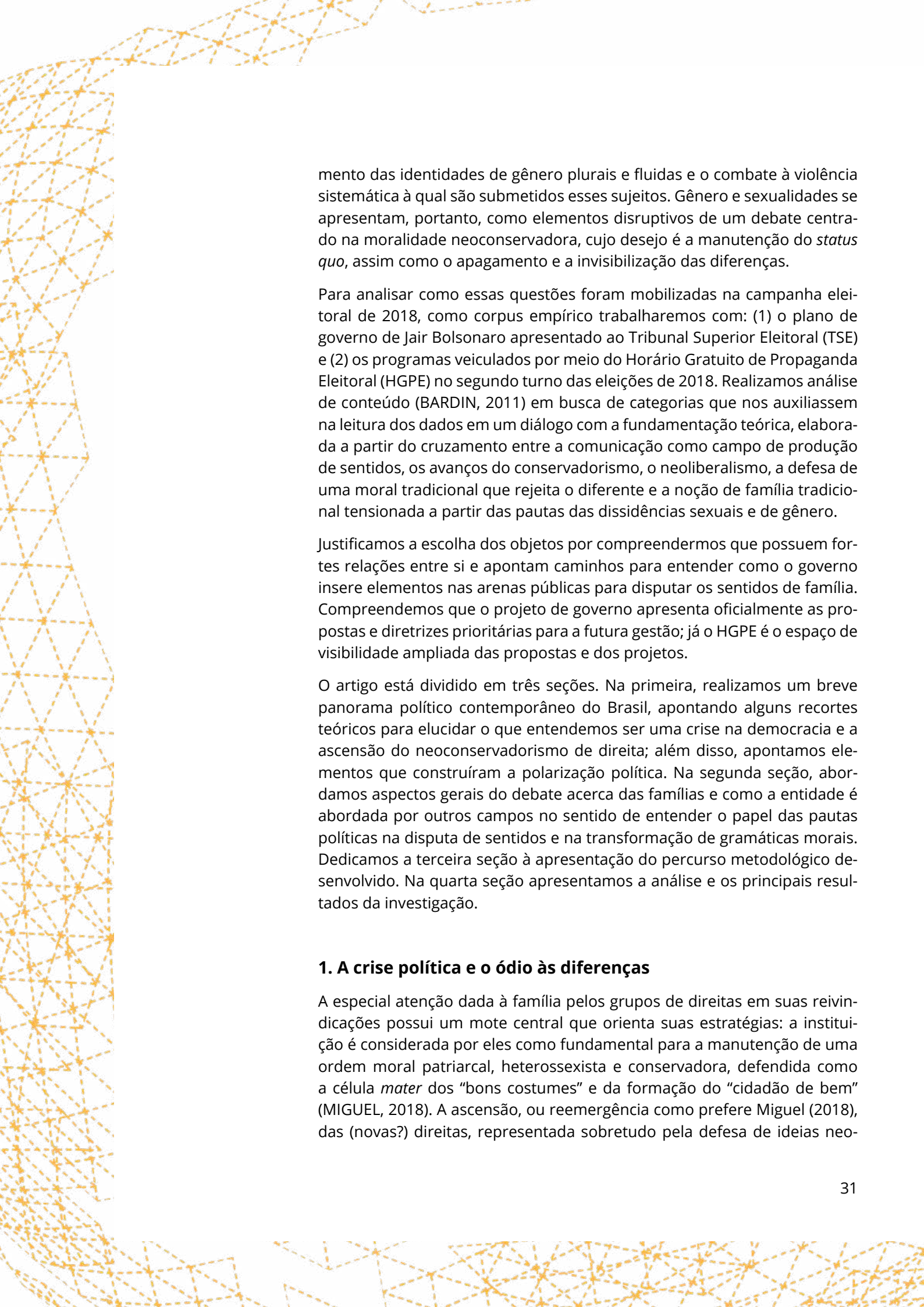


camente, em fala proferida durante discurso na Marcha para Jesus realizada em agosto de 2019 em Brasília (DF), Bolsonaro expôs o que pensa sobre o tema: “apresentem uma emenda à Constituição e modifiquem o artigo 226, que lá está escrito que família é homem e mulher. E, mesmo mudando isso, como não dá pra emendar a Bíblia, eu vou continuar acreditando na família tradicional” (PUPO, 2019).

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgada em 2017, que pesquisou características gerais da população brasileira como educação, trabalho, rendimento e habitação, revelou as novas tendências dos arranjos familiares: desde 2005, a família nuclear não é mais majoritária nos domicílios brasileiros. Em 2015, o arranjo tradicional equivalia a 42,3% dos lares pesquisados, “o que representa uma queda de 7,8 pontos percentuais em relação a 2005, quando abrangia 50,1% das moradias” (NETO, 2017, p. 18). No mesmo ano, o IBGE identificou que “quase um em cada cinco lares era composto apenas por casais sem filhos (19,9%), enquanto em 14,4% das casas só havia um morador” (NETO, 2017, p. 18). Ainda de acordo com o PNAD, 4,2% dos domicílios particulares tinham duas famílias convivendo geralmente com um arranjo principal cuja pessoa de referência geralmente é o pai e outro arranjo formado por seus filhos e filhas e os companheiros – cônjuges. Além disso, 16,3% dos lares eram formados por mulheres sem cônjuge com filhos (IBGE, 2016). Os números nos permitem dizer que outras modalidades de núcleos familiares ganharam força nesse período e apontam a pluralidade de arranjos possíveis.

Segundo a pesquisa *Estatísticas do Registro Civil*, também realizada pelo IBGE, entre 2013 e 2016 foram registrados 19,5 mil casamentos entre homossexuais em cartórios no Brasil. Os casamentos homoafetivos já representam cerca de 0,5% do total anual de registros civis (PERET, 2018). Embora os dados oficiais refutem a ideia de que os lares brasileiros são formados majoritariamente por famílias nucleares, ainda há setores da sociedade que insistem em negar a presença de múltiplas formações de famílias que incluem, também, as famílias homotransafetivas – cujo núcleo é formado por um casal homossexual e/ou por pessoas transexuais.

Entendemos que a centralidade da temática família nas discussões hodiernas no campo político se dá a partir do tensionamento entre o modelo tradicional e pelo menos dois elementos: (1) o avanço das pautas de gênero, com movimentos feministas que pressionam a agenda político-socio-cultural apresentando pautas antes entendidas como pertencentes ao campo do privado (OKIN, 2008) – e por que não da família? –, a exemplo da subserviência da mulher ao marido, da conseqüente violência doméstica, da divisão sexual do trabalho (BIROLI, 2016) e até mesmo da autonomia do corpo feminino; outro elemento é a (2) visibilidade das pautas LGBTQI+, que incluem, entre tantas, o casamento civil igualitário, a adoção, o reconheci-



mento das identidades de gênero plurais e fluidas e o combate à violência sistemática à qual são submetidos esses sujeitos. Gênero e sexualidades se apresentam, portanto, como elementos disruptivos de um debate centrado na moralidade neoconservadora, cujo desejo é a manutenção do *status quo*, assim como o apagamento e a invisibilização das diferenças.

Para analisar como essas questões foram mobilizadas na campanha eleitoral de 2018, como corpus empírico trabalharemos com: (1) o plano de governo de Jair Bolsonaro apresentado ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e (2) os programas veiculados por meio do Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE) no segundo turno das eleições de 2018. Realizamos análise de conteúdo (BARDIN, 2011) em busca de categorias que nos auxiliassem na leitura dos dados em um diálogo com a fundamentação teórica, elaborada a partir do cruzamento entre a comunicação como campo de produção de sentidos, os avanços do conservadorismo, o neoliberalismo, a defesa de uma moral tradicional que rejeita o diferente e a noção de família tradicional tensionada a partir das pautas das dissidências sexuais e de gênero.

Justificamos a escolha dos objetos por compreendermos que possuem fortes relações entre si e apontam caminhos para entender como o governo insere elementos nas arenas públicas para disputar os sentidos de família. Compreendemos que o projeto de governo apresenta oficialmente as propostas e diretrizes prioritárias para a futura gestão; já o HGPE é o espaço de visibilidade ampliada das propostas e dos projetos.

O artigo está dividido em três seções. Na primeira, realizamos um breve panorama político contemporâneo do Brasil, apontando alguns recortes teóricos para elucidar o que entendemos ser uma crise na democracia e a ascensão do neoconservadorismo de direita; além disso, apontamos elementos que construíram a polarização política. Na segunda seção, abordamos aspectos gerais do debate acerca das famílias e como a entidade é abordada por outros campos no sentido de entender o papel das pautas políticas na disputa de sentidos e na transformação de gramáticas morais. Dedicamos a terceira seção à apresentação do percurso metodológico desenvolvido. Na quarta seção apresentamos a análise e os principais resultados da investigação.

1. A crise política e o ódio às diferenças

A especial atenção dada à família pelos grupos de direitas em suas reivindicações possui um mote central que orienta suas estratégias: a instituição é considerada por eles como fundamental para a manutenção de uma ordem moral patriarcal, heterossexista e conservadora, defendida como a célula *mater* dos “bons costumes” e da formação do “cidadão de bem” (MIGUEL, 2018). A ascensão, ou reemergência como prefere Miguel (2018), das (novas?) direitas, representada sobretudo pela defesa de ideias neo-

2. Entre os acontecimentos, destacamos a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos da América e de Jair Bolsonaro no Brasil, assim como o Brexit no Reino Unido.

3. “O libertarianismo começa e termina no dogma da santidade dos contratos ‘livremente’ estabelecidos, reduz todos os direitos ao direito de propriedade e tem ojeriza por qualquer laço de solidariedade social” (MIGUEL, 2018, p. 19).


conservadoras, é um fenômeno complexo que incide em diversos acontecimentos² recentes que transformaram a política e as diferentes matizes da democracia ocidental.

Miguel (2018) defende que as novas direitas, ou os movimentos neoconservadores e/ou de extrema direita, que reemergem no Brasil contemporâneo diferem, ou pelo menos se afastam, da direita tradicional pela mobilização de pautas populistas que atingem diferentes camadas sociais, que reciclam o anticomunismo (ameaça do “marxismo cultural”) e a defesa dos valores da família que estão ameaçados, e colocam em risco toda a estrutura social com a completa negação de qualquer debate de gênero e sexualidade. Essa nova definição não comportaria o diálogo dentro do espectro democrático de que as direitas – velhas ou tradicionais – se ocupavam em outros momentos da democracia brasileira.

Compreendemos esses fenômenos como um levante neoconservador em reação às profundas transformações socioeconômicas ocorridas a partir da segunda metade do século XX. De acordo com a ideologia neoconservadora, a busca por uma sociedade sem classes, em que as diferenças fossem de fato apagadas, provocaria uma degradação cultural e, por isso, seria necessário restabelecer a ordem por meio da autoridade da lei e da efetivação de um Estado mínimo que não intervenha na liberdade individual nem na livre iniciativa (ALMEIDA, 2018).

Segundo Solano (2019), é por meio de um mundo conectado em rede que surgem novas formas de organização política. Nesse contexto, ganha espaço “um aglomerado ideológico mais ou menos coeso que é chamado de nova direita, na qual misturam-se ideais do conservadorismo, do libertarianismo³ e do reacionarismo” (CARAPANÃ, 2018, p. 34). A nova direita flerta, de forma consciente ou não, com estratégias e elementos nazistas e fascistas, ainda que não seja de fato uma coisa ou outra; de todo modo, é inegável que tais ideias circulam nesse ambiente sem que sejam contestadas e em muitos casos são fortalecidas (CARAPANÃ, 2018). Para legitimar esses discursos, usa-se frequentemente a liberdade de expressão como mecanismo de proteção da difusão de ideais segregacionistas, racistas, LGBTIfóbicos e misóginos. A liberdade de expressão, nesses termos, é comumente relacionada à individualidade, à perda do senso de coletividade, característica relacionada diretamente ao sistema neoliberal que busca construir corpos governáveis (LAVAL; DARDOT, 2016).

No contexto global, o neoliberalismo se apresenta como a “nova razão do mundo” e impõe uma lógica de mercado perversa, sobretudo para a classe trabalhadora, com perda de direitos trabalhistas e sociais ao estabelecer uma relação desigual no âmbito do trabalho, além de endividamento e privatizações de serviços públicos. De acordo com Laval e Dardot (2016), o neoliberalismo passa a fabricar seres humanos governáveis para atender os interesses do sistema. Esse processo de subjetivação, submetido à lógi-



ca de mercado, fabrica comportamentos empresariais em sujeitos a partir de uma razão neoliberal justificada pelo modo de viver em sociedade que toma como norma regimes de concorrência: sujeitos seguem uma ética pautada por regras do mercado que incluem valores da ordem econômica, mas também de um bem-estar social individualista (LAVAL; DARDOT, 2016).

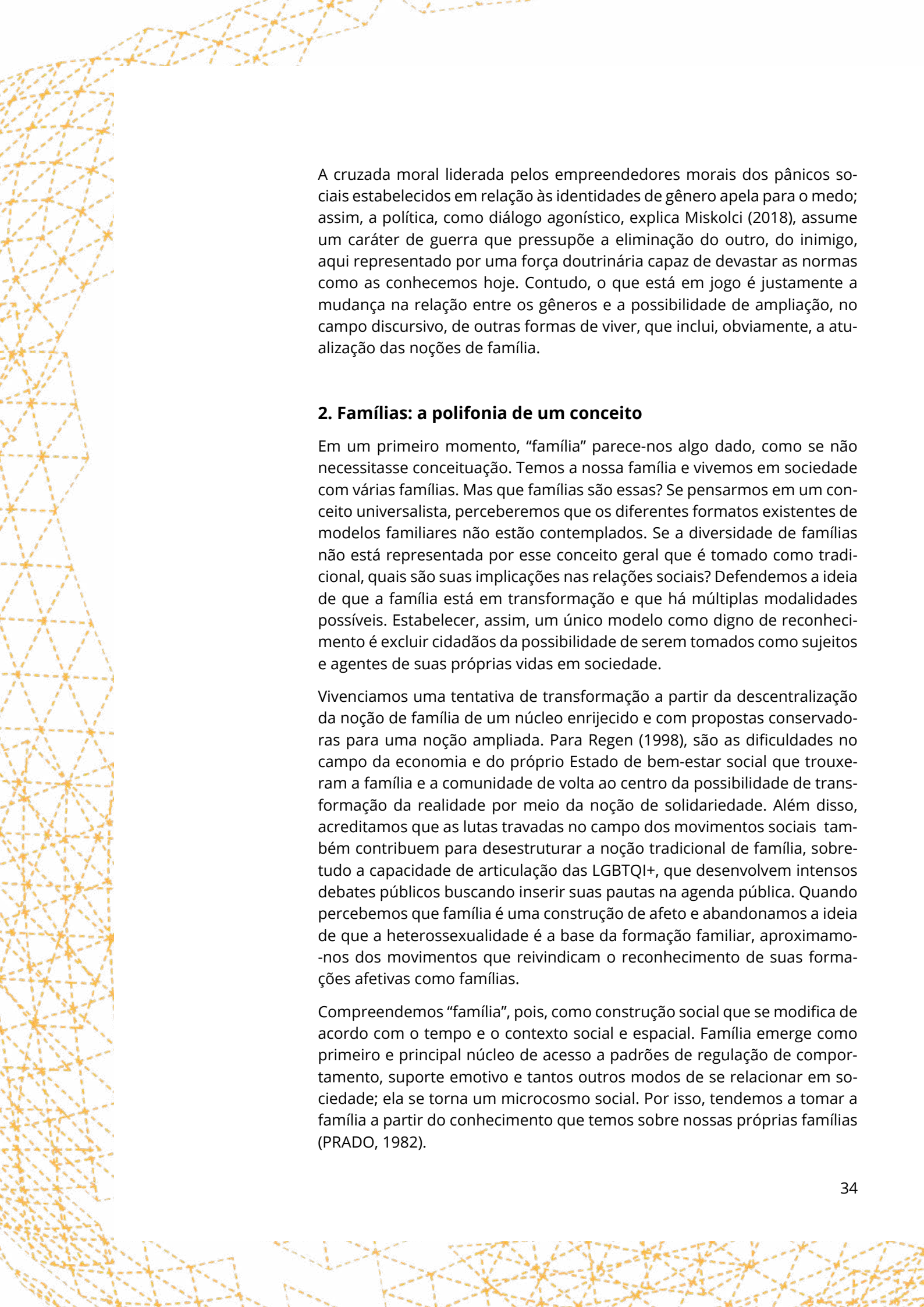
Para Wendy Brown (2015), a razão neoliberal apresenta como principal resultado o lento e gradual esvaziamento dos valores democráticos. O efeito devastador do neoliberalismo no campo da política seria, então, a desdemocratização. Trata-se de uma desconstrução do *demos* por meio de uma consequente alteração na relação entre cidadãos e o bem público, agora pautada pela valorização do *Homo economicus* em detrimento do *Homo politicus*. Assim, observa-se o enfraquecimento da coletividade e fortalecimento da individualidade. Para Dardot e Laval (2016), trata-se de um sistema pós-democrático em que o neoliberalismo, como sistema normativo, incide em todas as esferas da vida.

Mas para se erguer como esta força reguladora das subjetividades e da vida coletiva, o neoliberalismo precisa de um conjunto de valores e configurações éticas que reinterprete as crises econômicas como crises morais, de valores e de abandono dos valores tradicionais. (SOLANO, 2018, p. 07)

O sistema encontra em grupos específicos pautados no fundamentalismo religioso, no reacionarismo moral e no anticomunismo as justificativas necessárias na luta contra o “marxismo cultural” e a “ideologia” da esquerda que ameaça “nossas crianças e nossas famílias”.

Para Miguel (2018), trata-se de uma estratégia perversa da extrema-direita caracterizar a luta política como disputa entre projetos e formas de ver o mundo. O objetivo é desestruturar consensos sociais estabelecidos que permitem o funcionamento da sociedade. Para o autor, há um plano de manipulação vigente que busca inserir no debate público a ideia de que, para derrubar o capitalismo, os comunistas pretendem dissolver completamente a moral sexual e a família tradicional. Para disseminar essa teoria, os grupos de extrema-direita produziram o seu maior projeto de mentiras e boatos: a “ideologia de gênero”.

De acordo com Miskolci (2018), há uma cruzada moral contra os avanços da pauta de garantia de direitos e reconhecimento de grupos minoritários encabeçada por atores de diversos setores, de religiosos a agnósticos, com interesses econômicos e morais. O autor aponta que os debates sobre os direitos humanos e a igualdade entre os sujeitos, há alguns anos, se dão pautados no medo e na perseguição. Esses embates são uma resposta a um fantasma criado há décadas com o objetivo de deslegitimar tais lutas e apresentar um contraponto moralista às liberdades sexuais com foco na defesa da manutenção da família nuclear, da heteronormatividade, da superioridade masculina e em uma falsa ideia de proteção das crianças.



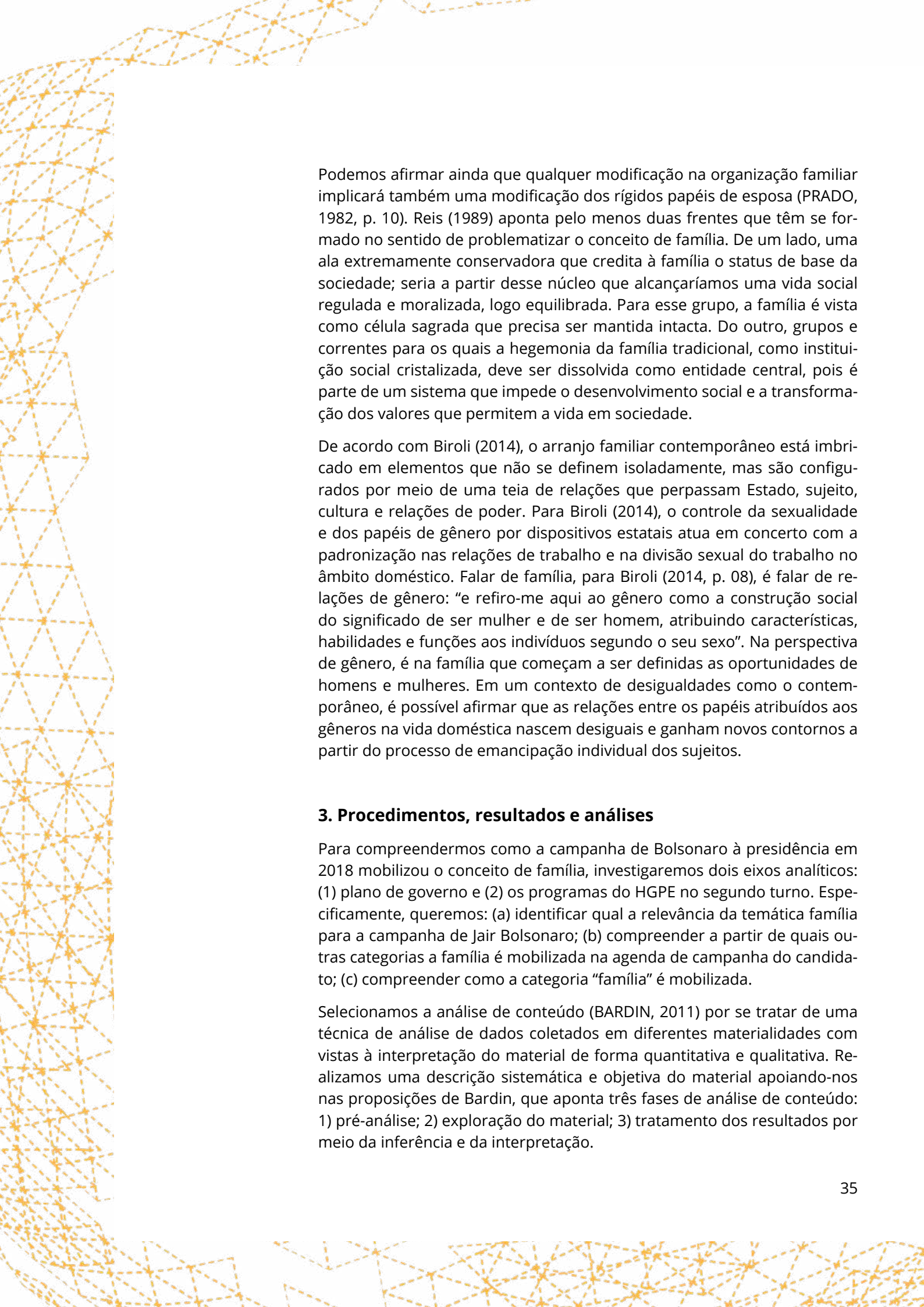
A cruzada moral liderada pelos empreendedores morais dos pânicos sociais estabelecidos em relação às identidades de gênero apela para o medo; assim, a política, como diálogo agonístico, explica Miskolci (2018), assume um caráter de guerra que pressupõe a eliminação do outro, do inimigo, aqui representado por uma força doutrinária capaz de devastar as normas como as conhecemos hoje. Contudo, o que está em jogo é justamente a mudança na relação entre os gêneros e a possibilidade de ampliação, no campo discursivo, de outras formas de viver, que inclui, obviamente, a atualização das noções de família.

2. Famílias: a polifonia de um conceito

Em um primeiro momento, “família” parece-nos algo dado, como se não necessitasse conceituação. Temos a nossa família e vivemos em sociedade com várias famílias. Mas que famílias são essas? Se pensarmos em um conceito universalista, perceberemos que os diferentes formatos existentes de modelos familiares não estão contemplados. Se a diversidade de famílias não está representada por esse conceito geral que é tomado como tradicional, quais são suas implicações nas relações sociais? Defendemos a ideia de que a família está em transformação e que há múltiplas modalidades possíveis. Estabelecer, assim, um único modelo como digno de reconhecimento é excluir cidadãos da possibilidade de serem tomados como sujeitos e agentes de suas próprias vidas em sociedade.

Vivenciamos uma tentativa de transformação a partir da descentralização da noção de família de um núcleo enrijecido e com propostas conservadoras para uma noção ampliada. Para Regen (1998), são as dificuldades no campo da economia e do próprio Estado de bem-estar social que trouxeram a família e a comunidade de volta ao centro da possibilidade de transformação da realidade por meio da noção de solidariedade. Além disso, acreditamos que as lutas travadas no campo dos movimentos sociais também contribuem para desestruturar a noção tradicional de família, sobretudo a capacidade de articulação das LGBTQI+, que desenvolvem intensos debates públicos buscando inserir suas pautas na agenda pública. Quando percebemos que família é uma construção de afeto e abandonamos a ideia de que a heterossexualidade é a base da formação familiar, aproximamos dos movimentos que reivindicam o reconhecimento de suas formações afetivas como famílias.

Compreendemos “família”, pois, como construção social que se modifica de acordo com o tempo e o contexto social e espacial. Família emerge como primeiro e principal núcleo de acesso a padrões de regulação de comportamento, suporte emotivo e tantos outros modos de se relacionar em sociedade; ela se torna um microcosmo social. Por isso, tendemos a tomar a família a partir do conhecimento que temos sobre nossas próprias famílias (PRADO, 1982).



Podemos afirmar ainda que qualquer modificação na organização familiar implicará também uma modificação dos rígidos papéis de esposa (PRADO, 1982, p. 10). Reis (1989) aponta pelo menos duas frentes que têm se formado no sentido de problematizar o conceito de família. De um lado, uma ala extremamente conservadora que credita à família o status de base da sociedade; seria a partir desse núcleo que alcançaríamos uma vida social regulada e moralizada, logo equilibrada. Para esse grupo, a família é vista como célula sagrada que precisa ser mantida intacta. Do outro, grupos e correntes para os quais a hegemonia da família tradicional, como instituição social cristalizada, deve ser dissolvida como entidade central, pois é parte de um sistema que impede o desenvolvimento social e a transformação dos valores que permitem a vida em sociedade.

De acordo com Biroli (2014), o arranjo familiar contemporâneo está imbricado em elementos que não se definem isoladamente, mas são configurados por meio de uma teia de relações que perpassam Estado, sujeito, cultura e relações de poder. Para Biroli (2014), o controle da sexualidade e dos papéis de gênero por dispositivos estatais atua em concerto com a padronização nas relações de trabalho e na divisão sexual do trabalho no âmbito doméstico. Falar de família, para Biroli (2014, p. 08), é falar de relações de gênero: “e refiro-me aqui ao gênero como a construção social do significado de ser mulher e de ser homem, atribuindo características, habilidades e funções aos indivíduos segundo o seu sexo”. Na perspectiva de gênero, é na família que começam a ser definidas as oportunidades de homens e mulheres. Em um contexto de desigualdades como o contemporâneo, é possível afirmar que as relações entre os papéis atribuídos aos gêneros na vida doméstica nascem desiguais e ganham novos contornos a partir do processo de emancipação individual dos sujeitos.

3. Procedimentos, resultados e análises

Para compreendermos como a campanha de Bolsonaro à presidência em 2018 mobilizou o conceito de família, investigaremos dois eixos analíticos: (1) plano de governo e (2) os programas do HGPE no segundo turno. Especificamente, queremos: (a) identificar qual a relevância da temática família para a campanha de Jair Bolsonaro; (b) compreender a partir de quais outras categorias a família é mobilizada na agenda de campanha do candidato; (c) compreender como a categoria “família” é mobilizada.

Selecionamos a análise de conteúdo (BARDIN, 2011) por se tratar de uma técnica de análise de dados coletados em diferentes materialidades com vistas à interpretação do material de forma quantitativa e qualitativa. Realizamos uma descrição sistemática e objetiva do material apoiando-nos nas proposições de Bardin, que aponta três fases de análise de conteúdo: 1) pré-análise; 2) exploração do material; 3) tratamento dos resultados por meio da inferência e da interpretação.

4. A data na tabela não necessariamente condiz com o dia em que o HGPE foi veiculado na TV, pois os programas foram retirados para análise da rede social YouTube do partido PSL e foram consideradas apenas as datas de postagem. Os títulos dos programas também se referem aos títulos dos vídeos postados na rede social.

Desenvolvemos uma análise de conteúdo temática, por esta nos auxiliar na busca de argumentos em dados textuais. É a partir da organização dos dados em temas que poderemos acessar os argumentos sobre famílias que circulam nas materialidades estudadas.

No eixo plano de governo, no documento retirado do site do TSE contabilizamos o número de vezes em que a palavra “família” é citada. A partir disso, sistematizamos os trechos de ocorrência do verbete organizando os conteúdos na ordem do próprio documento. No eixo HGPE, analisamos os 12 programas do segundo turno disponíveis no canal oficial do Partido Social Liberal (PSL) na rede social *YouTube*. Contabilizamos o número de vezes em que a palavra “família” aparecia e, além de transcrevermos os trechos, evidenciamos o argumento central utilizado pelo programa e quem o falava.

Da leitura do material, construímos três categorias temáticas sobre família e, partir delas, realizamos a análise. São elas: (a) política de governo – a família como elemento central de políticas públicas a serem desenvolvidas pelo governo; (b) âmbito privado – a família como uma entidade dotada de direitos sobre si cujas decisões devem estar fora da alçada do Estado/a família como uma célula fundamental para a manutenção de uma conduta ética e moral tradicional; (c) entidade ameaçada – a família como entidade que precisa ser protegida de diferentes inimigos.

O plano de governo de Bolsonaro foi intitulado “Caminhos da Prosperidade” e está arquivado no site do TSE sob o título “Projeto Fênix”, uma alusão ao pássaro mítico que ressurge das cinzas após morrer. O documento se propõe a apresentar as estratégias e agendas de governo do candidato a partir de três linhas, “Constitucional, Eficiente e Fraternal”, embora percebamos que elas não norteiam o que é apresentado.

Identificamos o número de vezes que temáticas tradicionais em campanhas, como segurança, saúde e educação, foram citadas. As palavras buscadas foram: segurança (10), saúde (18), educação (20) e emprego (11). Em seguida, observamos quantas vezes a palavra família (16) aparece no plano. A temática família apresenta, em termos de contagem de citações, importância equivalente a eixos centrais para candidaturas à presidência. Nos programas eleitorais, o verbete família aparece nove vezes; sete programas, dos doze analisados, não mencionam a palavra família.

Elaboramos a Tabela 1 para estruturar visualmente as temáticas centrais de cada programa e a quantidade de vezes que a palavra família aparece em cada um, assim como a data em que foi postado na rede social *YouTube*⁴ e quem profere o verbete família.

Tabela 1. Sistematização de informações sobre o HGPE de Jair Bolsonaro. Fonte: elaboração dos autores com informações a partir da análise de PARTIDO SOCIAL LIBERAL, 2019.

5. Apesar de não termos observado a verbalização da palavra família neste HGPE, consideramos que dedicar um programa todo para enaltecer as características de Michelle Bolsonaro como uma mulher “exemplar” segue os ditames daquilo que o patriarcado convencional apontar como papel da mulher na família: submissa, atenciosa, respeitosa, recatada, do lar.

| Data da postagem | Temática | Incidência de “família” | Quem profere |
|------------------|--|-------------------------|---|
| 12/10/2018 | Título: “Primeiro Programa Eleitoral de Jair Bolsonaro no 2º turno” Mote: ataques ao PT e à esquerda | 2 | - Narrador em off |
| 18/10/2018 | Título: “Propaganda Eleitoral do Bolsonaro: o povo brasileiro não quer andar pra trás!” Mote: exaltação das qualidades do candidato | 1 | - Entrevistada |
| 18/10/2018 | Título: “Propaganda Eleitoral do Bolsonaro: Cid Gomes fala a verdade sobre o PT” Mote: ataque a Haddad; apresentação de propostas | 1 | - Narrador em off |
| 19/10/2018 | Título: “Jair Bolsonaro quer desburocratizar para recuperar a economia do Brasil” Mote: corrupção, país quebrado, desemprego | 0 | -- |
| 19/10/2018 | Título: “#NordesteComBolsonaro: Uma nova história!” Mote: obras paradas, exaltação da cultura e beleza | 2 | - Narrador em off - Entrevistada |
| 22/10/2018 | Título: “Programa Eleitoral de Bolsonaro responde à fake news do PT” Mote: escândalos do PT e fake news | 0 | -- |
| 24/10/2018 | Título: “Violência contra as mulheres cresce durante governo do PT” Mote: mulheres fechadas com Bolsonaro | 3 | - Narrador em off - Deputada Federal - Entrevistada |
| 25/10/2018 | Título: “O Brasil precisa de Bolsonaro” Mote: violências; pessoas com deficiência | 0 | -- |
| 25/10/2018 | Título: “Bolsonaro assina termos de compromisso com a Comunidade Surda” Mote: pessoa com deficiência | 0 | -- |
| 25/10/2018 | Título: “Conheça Michelle Bolsonaro, esposa do nosso Capitão” Mote: exaltação das qualidades de Michelle Bolsonaro | 0 ⁵ | -- |
| 25/10/2018 | Título: “O Brasil não pode perder a chance de se livrar da ameaça petista” Mote: violência; religião | 0 | -- |
| 26/10/2018 | Título: “O PT mentiu para se manter no poder” Mote: exaltação do antipetismo. | 0 | -- |

3.1 Família como política de governo

A seguir, apresentamos e analisamos os argumentos utilizados pelo então candidato Jair Bolsonaro, durante sua campanha na televisão e no plano de governo, para sustentar a ideia de que família, tal qual foi concebida pelo sistema patriarcal, ou seja, heterossexual, monogâmica e, em especial, com filhos, deve receber atenção do Estado e nortear políticas públicas e modos de viver.

3.1.1 Plano de governo

Bolsonaro e equipe utilizaram o plano de governo para apontar a família como entidade social que precisava estar inserida em estratégias de governo, como forma de estabelecer um diálogo com os apoiadores que creditam a crise político-econômica a uma crise, antes de tudo, moral e dos valores familiares patriarcais (SOLANO, 2018). Por isso, apresentam no conteúdo do documento a defesa da entidade como parte de um projeto de “retomada” de uma moral tradicional.


Exemplo dessa estratégia é o trecho em que se refere ao papel que o programa Mais Médicos assumirá no governo: “Nossos irmãos cubanos serão libertados. Suas famílias poderão imigrar para o Brasil. Caso sejam aprovados no Revalida, passarão a receber integralmente o valor que lhes é roubado pelos ditadores de Cuba!” (PARTIDO SOCIAL LIBERAL, 2018, p. 40). A vinda da família dos médicos é retratada como uma política de governo para sensibilizar seu eleitorado acerca da “degradação” pela qual passam os trabalhadores cubanos, que serão libertados por seu governo da opressão comunista que sofrem em Cuba e estarão, enfim, ao lado de seus entes queridos.

No campo da agricultura, Bolsonaro explica que vai estabelecer um novo modelo institucional ao facilitar que o agricultor e suas famílias realizem a gestão do espaço rural.

O Estado deve facilitar que o agricultor e suas famílias sejam os gestores do espaço rural. Devemos identificar quais são as áreas em que realmente o Estado precisa estar presente, e a que nível. Em alguns casos pode ser por ações ou atividades específicas, em outros atuando como regulador, ou mesmo negociador (PARTIDO SOCIAL LIBERAL, 2018, p. 68).

A família é inserida aqui para legitimar o discurso do presidencialismo que busca trazer a entidade para o centro das discussões a respeito das necessidades do povo. Para isso é preciso estabelecer políticas de governo que afastem o Estado de áreas em que ele não precise atuar.

Na pauta econômica, Bolsonaro defendeu a manutenção do programa Bolsa Família com base em uma reformulação intitulada Programa Renda Mínima:



Acima do valor da Bolsa Família, pretendemos instituir uma renda mínima para todas as famílias brasileiras. Todas essas ideias, inclusive o Bolsa Família, são inspiradas em pensadores liberais, como Milton Friedman, que defendia o Imposto de Renda Negativo (PARTIDO SOCIAL LIBERAL, 2018, p. 63).

No texto, é reforçado que a ideia de ambas as iniciativas nasce no pensamento liberal, reforço que age como mecanismo de ataque às esquerdas e ao socialismo. O argumento relaciona estratégias do liberalismo/neoliberalismo ao Estado de bem-estar social e ao suposto processo de retomada da individualização dos sujeitos na perspectiva de fortalecer as conquistas subjetivas.

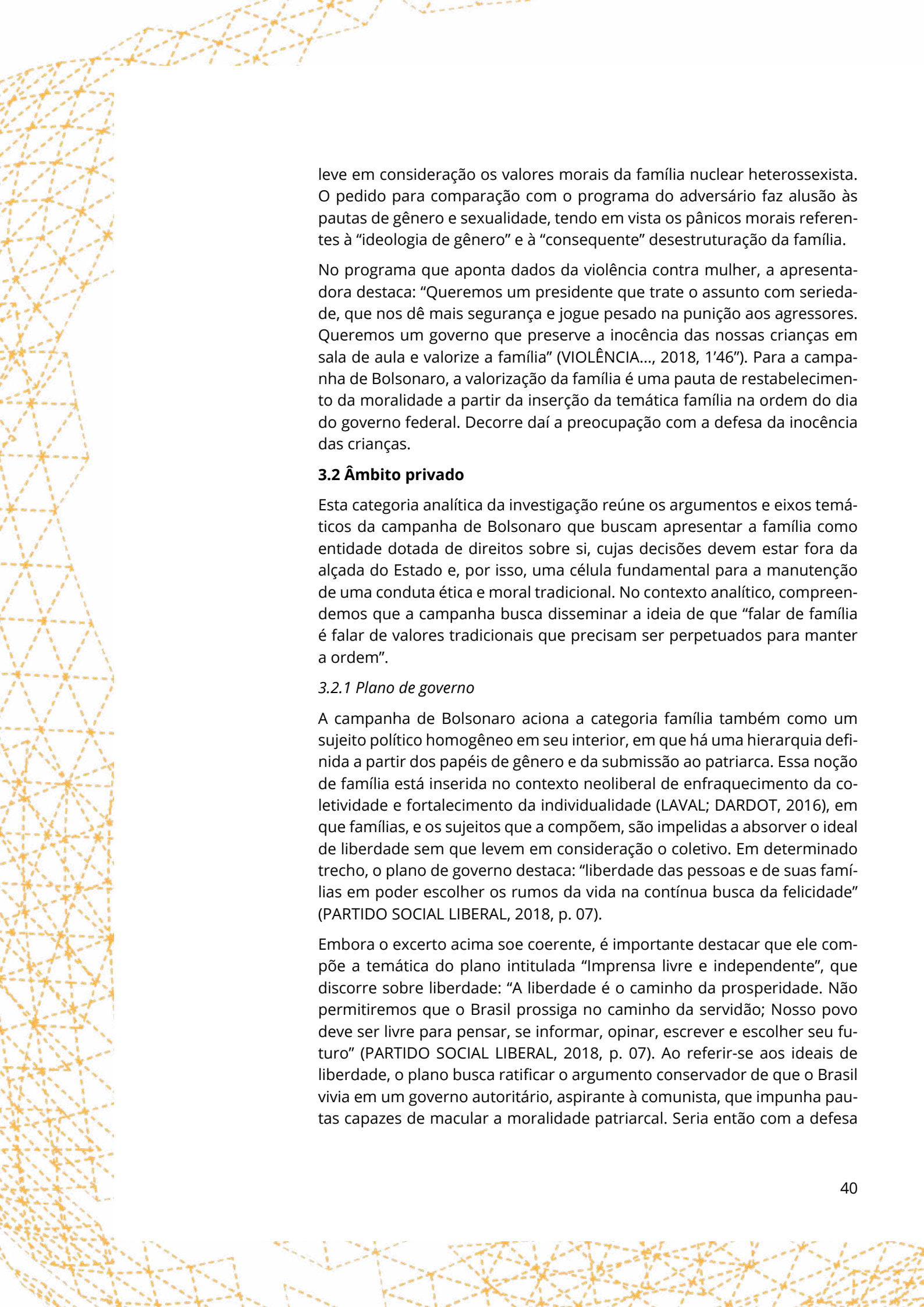
No plano de governo, a família também é apontada como entidade digna de receber atenção do governo em virtude da necessidade financeira que causa degradação, subalternização e, portanto, crises familiares que repercutem na relação dos indivíduos em sociedade. É creditada à família a responsabilidade de formar sujeitos “ajustados”, mas para isso é necessário garantir condições mínimas de sobrevivência.

Nunca haverá estabilidade social na presença de fome, violência, miséria e de altas taxas de desemprego. Todo indivíduo deveria ter as condições de fazer escolhas que permitam preservar sua vida, sua liberdade e buscar sua felicidade, além do conforto de sua família. Uma sociedade justa propicia oportunidades para que todos os seus membros, e não apenas os mais ricos, tenham chances de trilhar o caminho da prosperidade, através de realizações pessoais e familiares. Um país justo deve propiciar aos mais pobres oportunidades para que superem suas dificuldades e prosperem (PARTIDO SOCIAL LIBERAL, 2018, p. 51).

Bolsonaro promete retomar o crescimento, oportunidades e empregos utilizando argumentos que apontam para o desequilíbrio na família como resultado das mazelas sociais. Além disso, aponta a liberdade individual como aspecto central para transformação da realidade.

3.1.2 HGPE

Embora os programas eleitorais estudados não façam relação direta da família com políticas públicas a serem implementadas por Bolsonaro, como ocorreu no plano de governo, está implícito que a família receberá prioritária atenção na gestão. Em um dos programas, o próprio Jair Bolsonaro afirma: “não podemos mais... você, pai, você, mãe, estar preocupado se seu filho, ao sair de casa, voltará são e salvo para casa. Temos que, desculpem, radicalizar nessa questão” (PROPAGANDA..., 2018a, 3’48”). Ainda no mesmo programa, o narrador sugere: “Compare os programas, veja quem realmente está em defesa da família, a favor do Brasil” (PROPAGANDA..., 2018a, 4’32”). Ambas as falas dizem respeito à estruturação de medidas, regulamentações e regras referentes ao fortalecimento da cidadania que



leve em consideração os valores morais da família nuclear heterossexista. O pedido para comparação com o programa do adversário faz alusão às pautas de gênero e sexualidade, tendo em vista os pânicos morais referentes à “ideologia de gênero” e à “consequente” desestruturação da família.

No programa que aponta dados da violência contra mulher, a apresentadora destaca: “Queremos um presidente que trate o assunto com seriedade, que nos dê mais segurança e jogue pesado na punição aos agressores. Queremos um governo que preserve a inocência das nossas crianças em sala de aula e valorize a família” (VIOLÊNCIA..., 2018, 1’46”). Para a campanha de Bolsonaro, a valorização da família é uma pauta de restabelecimento da moralidade a partir da inserção da temática família na ordem do dia do governo federal. Decorre daí a preocupação com a defesa da inocência das crianças.


3.2 Âmbito privado

Esta categoria analítica da investigação reúne os argumentos e eixos temáticos da campanha de Bolsonaro que buscam apresentar a família como entidade dotada de direitos sobre si, cujas decisões devem estar fora da alçada do Estado e, por isso, uma célula fundamental para a manutenção de uma conduta ética e moral tradicional. No contexto analítico, compreendemos que a campanha busca disseminar a ideia de que “falar de família é falar de valores tradicionais que precisam ser perpetuados para manter a ordem”.

3.2.1 Plano de governo

A campanha de Bolsonaro aciona a categoria família também como um sujeito político homogêneo em seu interior, em que há uma hierarquia definida a partir dos papéis de gênero e da submissão ao patriarca. Essa noção de família está inserida no contexto neoliberal de enfraquecimento da coletividade e fortalecimento da individualidade (LAVAL; DARDOT, 2016), em que famílias, e os sujeitos que a compõem, são impelidas a absorver o ideal de liberdade sem que levem em consideração o coletivo. Em determinado trecho, o plano de governo destaca: “liberdade das pessoas e de suas famílias em poder escolher os rumos da vida na contínua busca da felicidade” (PARTIDO SOCIAL LIBERAL, 2018, p. 07).

Embora o excerto acima soe coerente, é importante destacar que ele compõe a temática do plano intitulada “Imprensa livre e independente”, que discorre sobre liberdade: “A liberdade é o caminho da prosperidade. Não permitiremos que o Brasil prossiga no caminho da servidão; Nosso povo deve ser livre para pensar, se informar, opinar, escrever e escolher seu futuro” (PARTIDO SOCIAL LIBERAL, 2018, p. 07). Ao referir-se aos ideais de liberdade, o plano busca ratificar o argumento conservador de que o Brasil vivia em um governo autoritário, aspirante à comunista, que impunha pautas capazes de macular a moralidade patriarcal. Seria então com a defesa



do âmbito privado que estariam reestabelecidas as diferenças necessárias para a manutenção dos panos de fundo civilizatórios.

3.2.2 HGPE

Em um programa que enaltece a soberania nacional por meio do apelo às especificidades das regiões, com foco no Nordeste, o tema família aparece para mobilizar a entidade como categoria definidora de valores e costumes. O narrador diz:

Está na hora do Nordeste escrever uma nova história... O choro da sanfona é um lamento nosso. É quase que um hino da desilusão. Uma falta de esperança, mas que não deixa nós baixar a cabeça, não. Eu sou uma terra onde meu povo é de alma nobre, de altivez. Não tô falando de riqueza material, não! Preste atenção! Eu tô falando é de valores, de família e de costumes. Eu sou uma terra linda, temos o melhor do Brasil. Fique bravo, não, demais regiões. Nós somos irmãos. Meu coração é de todo mundo que vem pra cá (#NORDESTE COM BOLSONARO, 2018, 0'51").

É preciso destacar que um programa dedicado ao Nordeste compõe a produção de um argumento que tenta desconstruir a imagem de um Bolsonaro que inúmeras vezes desqualificou a região durante sua carreira política. A família é apontada como o núcleo capaz de estabelecer um espaço de reprodução de uma norma sociocultural que enaltece a nobreza dos sujeitos, porém, ao ser mobilizada junto com a palavra “costumes”, evoca a ideia de manutenção de uma tradição apoiada nas relações estabelecidas entre os sujeitos em âmbito privado.

Emocionado, o candidato conta da experiência de ser “pai de menina”. Em uma de suas célebres (?) frases, Bolsonaro afirma: “Eu tenho cinco filhos. Foram quatro homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher” (BOLSONARO..., 2017). Acreditamos que o programa eleitoral do qual foi retirado esse excerto é uma tentativa de desfazer o efeito negativo da frase misógina. No programa, Bolsonaro enaltece a procriação como um aspecto da manutenção de casamentos e da realização de mulheres no âmbito privado, da vida íntima e doméstica, que em sua maioria sonhariam com a reprodução.

Em um dos programas, uma deputada federal é convocada a destacar o papel da mulher na política. O argumento utilizado reforça papéis sociais de gênero e implica direcionar à mulher a feminilidade necessária para uma transformação social pautada na defesa moral de uma sociedade tradicional cujos papéis sociais são bem definidos. A mulher é colocada novamente no lugar da fragilidade, da sensibilidade, da coragem exacerbada. Nessa perspectiva, as conquistas femininas em diversas áreas, como direito ao voto e à educação, as tornariam mães e mulheres melhores. Portanto, alguns aspectos da “conduta feminina” seriam naturais e imutáveis, e per-

mitiriam transpor para o mundo da política o que a autora chama de uma inata sensibilidade moral.

3.3 Entidade ameaçada

A categoria que analisamos nesta seção discute os argumentos da campanha de Bolsonaro focados em apresentar a família como entidade que precisa ser protegida, pois seus valores estariam ameaçados tanto pelo avanço de pautas que fogem ao padrão normativo tradicional nuclear, como pela falta de políticas públicas específicas, insegurança, tanto no campo material – na defesa de seus bens e da propriedade privada – como pela “intromissão” do Estado.

3.3.1 Plano de governo

Um dos tópicos do plano afirma: “O fruto da vida é sagrado!”. O imperativo é utilizado para justificar um eixo temático pautado pela defesa da propriedade privada e da liberdade individual para tomar decisões:

[...] os frutos materiais dessas escolhas, quando gerados de forma honesta em uma economia de livre iniciativa, têm nome PROPRIEDADE PRIVADA! Seu celular, seu relógio, sua poupança, sua casa, sua moto, seu carro, sua terra são os frutos de seu trabalho e de suas escolhas! São sagrados e não podem ser roubados, invadidos ou expropriados! Os frutos de nossas escolhas afetivas têm nome FAMÍLIA! Seja ela como for, é sagrada e o Estado não deve interferir em nossas vidas (PARTIDO SOCIAL LIBERAL, 2018, p. 04).

Ao reivindicar a mínima participação do Estado, Bolsonaro confirma o neoliberalismo como sistema prioritário para a estruturação de seu governo. O destaque para a defesa da propriedade privada ratifica o projeto de poder pautado em diretrizes da direita neoconservadora e coloca a família como elemento orgânico e natural em que o Estado não deve interferir. Nesse trecho, embora seja sabido o posicionamento do então candidato sobre determinadas modalidades de famílias, como a homotransafetiva, há um detalhe curioso: o trecho que destaca “seja ela como for”, que dá abertura para compreender que outros formatos podem ser abarcados pelo governo, apesar de ser seguido pela palavra “sagrada”, que remete ao sacrossanto, religioso.

O plano recorre à proteção da família para justificar a estratégia de governo que pretende reformular o Estatuto do Desarmamento, reivindicando a legítima defesa: “4º Reformular o Estatuto do Desarmamento para garantir o direito do cidadão à LEGÍTIMA DEFESA sua, de seus familiares, de sua propriedade e a de terceiros!” (PLANO..., 2018, p. 32). Novamente a propriedade privada é enaltecida como elemento a ser protegido. A defesa da família é usada pela campanha como mote para estabelecer um argumento de medo, de que o cidadão precisa estar preparado para proteger sua família de forma violenta inclusive. As propostas apresentam elementos que

destacam o afastamento do dever do Estado de proporcionar segurança, relegando aos sujeitos a defesa e a proteção.

3.3.2 HGPE

No programa dedicado a comparar os governos do PT com os de outros países apresentados à audiência como sendo governados pela esquerda, o narrador destaca: “A corrupção é uma chaga. A violência assusta as nossas famílias e o desemprego tira as esperanças de milhões de brasileiros” (PRIMEIRO..., 2018, 1’04”). A campanha de Bolsonaro apresenta novamente nesse argumento a ameaça às famílias como uma característica dos governos anteriores, subsidiando o discurso do medo.

Em outro programa, o narrador aponta a importância dos apoiadores para a campanha de Bolsonaro e discorre sobre a falta de verba para fazer a campanha enquanto os opositores estariam usando dinheiro público. Um internauta fala em vídeo: “deixem nossas crianças em paz” (PROPAGANDA..., 2018b, 1’58”). Em outro programa, o narrador reitera: “Bolsonaro é honesto, raridade hoje em dia na política. Firme, sempre defendeu os valores da família. Foi voz forte e dura nos momentos que o país mais precisou” (PRIMEIRO..., 2018, 4’09”). Ainda que não apontem quais ameaças às crianças e quais valores são os defendidos pelo candidato, o vídeo apresenta elementos para entendermos que a ameaça às famílias diz respeito à ampliação do conceito de família, com outras modalidades surgindo e sendo legitimadas, seja por medidas legais, seja por mudanças socioculturais.

Considerações finais

Na tentativa de compreender como a campanha de Bolsonaro inseriu no debate político a categoria família e como estruturou os argumentos, observamos dois ambientes comunicacionais: o plano de governo e o HGPE. Nossa investigação se preocupou em observar como as famílias são utilizadas como elemento de tensionamento em um contexto polarizado e de recrudescimento do conservadorismo.

Concluimos que há um esforço, observado nos dois âmbitos, de cristalização do conceito de família nuclear patriarcal heterossexista, ainda que não tenhamos observado ataques diretos ao modelo homotransfetivo, por exemplo. As nuances dos argumentos se dão na inserção da família como agente político que necessita de proteção do Estado, ainda que haja um argumento para o afastamento do aparato estatal das decisões tomadas no seio da entidade.

A família, para a campanha de Bolsonaro, deve ser preservada e protegida. É detentora de uma moral que se pretende tradicional e é por meio dela que será possível resgatar valores em “deterioração”, ainda que não se aponte diretamente que valores são esses. No que diz respeito às categorias – política de governo; âmbito privado; entidade ameaçada –, compre-

endemos que estão imbricadas por meio de um cruzamento de sentidos que busca frear a perspectiva progressista de ampliação do conceito.

Pautada pelo recrudescimento do obscurantismo neoliberal no mundo ocidental, a campanha de Bolsonaro à presidência da República utilizou argumentos que já estavam em disputa a partir de um claro contraponto às pautas de gênero e sexualidade, tomadas por esses grupos como uma ameaça. Crianças e mulheres são categorias sociais reivindicadas pela campanha com o objetivo de fortalecer pânicos morais operados há décadas por empreendedores morais de ocasião (MISKOLCI, 2018). A produção de argumentos nos textos analisados aponta para uma perigosa disputa que busca não a compreensão do outro, mas a completa invisibilização das diferenças e a manutenção do status quo.

Referências

#NORDESTECOMBOLSONARO: Uma nova história! Canal do Partido Social Liberal PSL, **YouTube**, 2018. 1 vídeo (5 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=e_c10fbcgPE&list=PLWIZ1B7SAQyz7OrS5A2fHacj1dhMk8u5g&index=2. Acesso em: 05 jul. 2019.

ALMEIDA, S. Neoconservadorismo e liberalismo. In: SOLANO, E. (Org.). **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

ARAÚJO, W. Estado, ideologia e capital no Brasil contemporâneo: contradições do lulismo e surgimento do bolsonarismo. **Revista Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE**, v. 2, n. 13, p. 13-32, 2019.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BIROLI, F. Divisão sexual do trabalho e democracia. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 59, n. 3, p. 719-681, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0011-52582016000300719&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 10 jun. 2019.

BIROLI, F. **Família: novos conceitos**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2014. Disponível em: <http://redept.org/uploads/biblioteca/colecaoquesaber-05-com-capa.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2019.

BOLSONARO: “Eu tenho 5 filhos. Foram 4 homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher”. **Fórum**, São Paulo, 5 de abr. 2017. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/noticias/bolsonaro-eu-tenho-5-filhos-foram-4-homens-a-quinta-eu-dei-uma-fraquejada-e-veio-uma-mulher-3/>. Acesso em: 12 ago. 2019.

BROWN, W. **Undoing the demos: Neoliberalism’s stealth revolution**. Boston: MIT Press, 2015.

CARAPANÃ. A nova direita e a normalização do nazismo e do fascismo. In: SOLANO, E. (org.). **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018, p. 33-40.

FRANÇA, V. O objeto e a pesquisa em comunicação: uma abordagem relacional. In: MOURA, C.; LOPES, M. I. (Orgs.). **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p. 154-174.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. Rio de Janeiro: IBGE, 2016, p. 146. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98965.pdf>. Acesso em: 15 set. 2020.

LAVAL, C.; DARDOT, P. **A nova razão do mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

MENEGAT, M. Violência e barbárie: um pequeno estudo sobre as origens remotas do bolsonarismo. **Argumentum**, v. 11, n. 2, p. 7-16, 2019.

MIGUEL, L. F. A reemergência da direita brasileira. In: SOLANO, E. (Org.). **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

MISKOLCI, R. Exorcizando um fantasma: os interesses por trás do combate à "ideologia de gênero". **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 53, jun. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332018000200402&script=sci_arttext. Acesso em: 12 abr. 2019.

NETO, J. Novos arranjos familiares. **Retratos**, a Revista do IBGE, Rio de Janeiro, n. 6, p. 16-19, dez. 2017. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/3ee63778c4cfdcbbe4684937273d15e2.pdf. Acesso em: 12 jul. 2019.

OKIN, S. Gênero, o público e o privado. Tradução: Flávia Biroli. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 305-332, maio/ago. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2008000200002&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 17 abr. 2019.

PARTIDO SOCIAL LIBERAL. O Caminho da prosperidade: Proposta de Plano de Governo. **Tribunal Superior Eleitoral**, 2018. Disponível em: <http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-2018/propostas-de-candidatos>. Acesso em: 13 jun. 2019.

PARTIDO Social Liberal PSL. Canal, **YouTube**. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCj6-AU8CsA4VBR4_sQn3Hug. Acesso em: 05 jul. 2019.

PERET, E. Casamento homoafetivo uma celebração de amor, visibilidade e cidadania. **Retratos, a Revista do IBGE**. v. 7, p. 20-25, jan. 2018. Disponível

em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/8948423f0e1c9c7e14f69f8b6b6a7352.pdf. Acesso em: 08 ago. 2019.

PRADO, D. **O que é família**. São Paulo, Brasiliense, 1982.

PRIMEIRO programa Eleitoral de Jair Bolsonaro no 2º turno. Canal do Partido Social Liberal PSL, **YouTube**, 2018. 1 vídeo (5 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OwchEHLhcjw&list=PLWIZ1B7SAQyz7OrS5A2fHacj1dhMk8u5g&index=10>. Acesso em: 05 jul. 2019.

PROPAGANDA eleitoral do Bolsonaro: Cid Gomes fala a verdade sobre o PT. Canal do Partido Social Liberal PSL, **YouTube**, 2018a. 1 vídeo (5 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SoeQHdKoUpA&list=PLWIZ1B7SAQyz7OrS5A2fHacj1dhMk8u5g&index=15>. Acesso em: 05 jul. 2019.

PROPAGANDA eleitoral do Bolsonaro: o povo brasileiro não quer andar pra trás! Canal do Partido Social Liberal PSL, **YouTube**, 2018b. 1 vídeo (5 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PXVqxOgRViM&list=PLWIZ1B7SAQyz7OrS5A2fHacj1dhMk8u5g&index=14>. Acesso em: 05 jul. 2019.

PUPO, A. Bolsonaro: família é homem e mulher porque está na Constituição e na Bíblia. **UOL**, Brasília, 10 ago. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2019/08/10/bolsonaro-familia-e-homem-e-mulher-porque-esta-na-constituicao-e-na-biblia.htm>. Acesso em: 12 ago. 2019.

REGEN, M. **Instituição família**. São Paulo: Sorri, 1998.

REIS, J. R. Família, emoção e ideologia. In: LANE, S.; CODÓ, W. (Orgs.), **Psicologia social: o homem em movimento**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SOLANO, E. Apresentação. In: SOLANO, E. (org.). **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018, p. 13-17.

SOLANO, E. La Bolsonarización de Brasil. **Documentos de Trabajo IELAT**, Madrid, n. 121, p. 4-41, abr. 2019. Disponível em: https://ielat.com/wp-content/uploads/2019/03/DT_121_Esther-Solano-Gallego_Web_abril-2019.pdf. Acesso em: 10 jun. 2019.

VIOLÊNCIA contra as mulheres cresce durante governo do PT. Canal do Partido Social Liberal PSL, **YouTube**, 2018b. 1 vídeo (5 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=naMVaG1kXzI&list=PLWIZ1B7SAQyz7OrS5A2fHacj1dhMk8u5g&index=18>. Acesso em: 05 jul. 2019.